

OS TRATADOS DO SÉCULO XX: EDIÇÕES ESPECIAIS.

*Fernando Guillermo Vázquez Ramos**

THE TREATIES OF THE TWENTIETH CENTURY: SPECIAL ISSUES.

Resumo: Os tratados de arquitetura ressurgiram com o Renascimento e se espalharam por todo o planeta, mantendo sua preeminência para gerações de arquitetos. Porém, no século XIX a crítica ao classicismo destruiu essa tradição. No século XX, foram as revistas que assumiram esse papel, transmitindo o conhecimento da arquitetura. As edições monográficas se apresentam como os “tratados” do século XX. A difusão de Wright não teria sido possível sem o *portfolio* publicado por Wasmuth (1910), ou a obra de Mies, sem o número de *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1958) através do qual as imagens de uma arquitetura poderosa daria volta ao mundo.

Palavras-chave: Representação, tratados de arquitetura, revistas de arquitetura.

Abstract: The treatises on architecture have been reborn with the Renaissance, and spread throughout the world keeping its preeminence for generations of architects. However, in the 19th century the critique of classicism destroyed this tradition. In the 20th century were the magazines that have assumed this role in transmitting the knowledge of architecture. Monographic editions are presented as the “treaties” of the 20th century. The diffusion of Wright would not have been possible without the portfolio published by Wasmuth (1910), or the work of Mies without the number of *L'architecture d'aujourd'hui* (1958) through which the images of a powerful architecture would give around the world.

Keywords: Representation, treatises on architecture, architectural magazines.

*Arquiteto (Univ. de Buenos Aires, 1979), Mestre em Estética e Teoria das Arte (Instituto de Estética de Madrid, 1989), Doutor Arquiteto (Univ. Politécnica de Madrid, 1993). Professor assistente do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Arquitetura e Urbanismo e do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu. Pesquisa sobre representações e processos de projeção em arquitetura. Curador da exposição: Mies van der Rohe (1999) e autor do livro-catálogo, publicado pela editora Blau.

1. Os historiadores sustentam que o tratado de Vitrúvio certamente continha desenhos, mas que se perderam. É difícil saber a verdade sobre o assunto, contudo o importante é que ele chegou ao século XV sem os desenhos, abrindo o texto à imaginação dos humanistas, que recriaram inúmeras suposições de como esses desenhos seriam, abrindo o campo das possibilidades da concepção arquitetônica.

2. Em castelhano existem muitas traduções. Para este trabalho no entanto nos centraremos nas feitas em Buenos Aires entre 1945 e 1955, pela editora Construcciones. A última edição em castelhano dessa série foi de 1955. Ver Viñola, G. *Tratado de los cinco ordenes de arquitectura*. Buenos Aires: Editorial Construcciones Sudamericanas, 1948. Usaremos esta edição em especial, pois foi a primeira revisada.

Fig. 01: Medalha comemorativa com a imagem de Leon Battista Alberti, fundida por Matteo d'Pasti, c. 1446. Fonte: coleção Medieval e Renascentista do Victoria & Albert Museum (sala 64), Londres. Ver: <http://collections.vam.ac.uk/>.

Os tratados de arquitetura são peças típicas do Renascimento, renasceram com ele. Só temos notícias de um tratado sobre arquitetura da antiguidade, trabalho do arquiteto romano Marcus Vitruvius Pollio (90 a.C. – 20 a.C.), que permaneceu perdido por centúrias, para ser reencontrado num mosteiro alpino nos alvares do século XV. Certamente, achamos o que buscamos, e o Renascimento buscava esse reencontro como o mundo Antigo. O tratado de Vitrúvio, *De Architectura libri decem* (~27ac), foi inspiração para o primeiro tratado de arquitetura da época moderna: o *De Re aedificatoria libri decem* (1452, publicado em 1485), obra de Leon Battista Alberti (1404-1472). A partir dessa obra germinal, os tratados foram aparecendo paulatinamente até se converterem no veículo privilegiado da transmissão do conhecimento sobre a arte de projetar: a arquitetura. Ainda que o tratado de Alberti não possuísse desenhos, como de fato tampouco os possuía, no de Vitrúvio¹, a inclusão de ilustrações foi rápida. Antonio di Pietro Averlino, o Filarete (c. 1400-1469), contemporâneo de Alberti, já incluiu desenhos em seu *Libro architetonico* (*Codex Magliabechiano*, cópia datada de c. 1565). Ainda que o *Libro* de Filarete não possa ser considerado um “tratado” per se, ele certamente abriu o caminho para os grandes tratados do século seguinte.



Grandes exemplos desse tipo de produto cultural são: *I Sette libri dell'architettura* (publicados de forma irregular desde 1537), trabalho de uma vida de Sebastiano Serlio (1475-1554); o influente *Regole delle cinque ordini d'architettura* (1562), de Giacomo Barozzi da Vignola (1507-1573), ver fig. 02, cujas re-edições chegaram até o século XX²; e, ao colossal *I quattro libri dell'architettura* (1570), de Andrea Palladio (1508-1580). Contudo, os tratados dos Padres Fundadores da arquitetura moderna circularam

pela Europa na forma de manuscritos e cópias das mais variadas qualidades. No século XV, a invenção da imprensa de tipos móveis e o aperfeiçoamento do trabalho com gravuras em metal permitiram que os tratados fossem impressos sob a supervisão dos respectivos autores, melhorando a qualidade das imagens, ao mesmo tempo em que ficava garantida a legitimidade da mensagem textual. Os tratados se espalharam por toda Europa nos séculos XVI e XVII, chegaram ao novo mundo cedo também, e mantiveram sua preeminência como fonte de inspiração para gerações e gerações de arquitetos no mundo todo.

Fig. 02: Giacomo Barozzi da Vignola, *Regola delli cinque ordini d'architettura*, Roma 1562. Arcada de ordem dórica. Fonte: Evers, 2003, p. 90.



Nesse sentido, é interessante entender que a publicação desses tratados foi feita até meados do século XX, como amparo às necessidades técnicas e estéticas dos estudantes e dos professores de arquitetura e de outras disciplinas afins. O prólogo à edição castelhana do tratado de Vignola, impresso em Buenos Aires em 1948, diz:

Com a aparição deste volume, fruto de dois anos de intenso trabalho, a empresa editora considera-se amplamente satisfeita ao ver cumprido seu desejo de oferecer aos estudantes das faculdades, escolas técnicas e academias de Belas Artes, e a quem ministra aulas nesta matéria, uma obra tecnicamente insuperável que há de permitir-lhes sanar os inconvenientes de toda ordem que derivam dos textos já conhecidos. (VIÑOLA, 1948, p. 3)

A força dessas publicações estriba, justamente, nesse amparo técnico e na precisão de suas informações. A edição acima referida foi, segundo diz o Editorial, o resultado empreendido pela editora de dedicar-se “com afinco à tarefa, por certo árdua, de revisar e executar novamente todos os desenhos que compõem a parte gráfica deste estudo” (Idem, p. 03). E, de fato o resultado de “Viñola”, como popularmente é conhecido o tratado, é magnífico, (ver fig. 03). As lâminas são impecáveis, e o tratamento das partes sombreadas e dos textos apresenta-se com uma definição apurada para um texto feito com as técnicas de impressão do século XX.

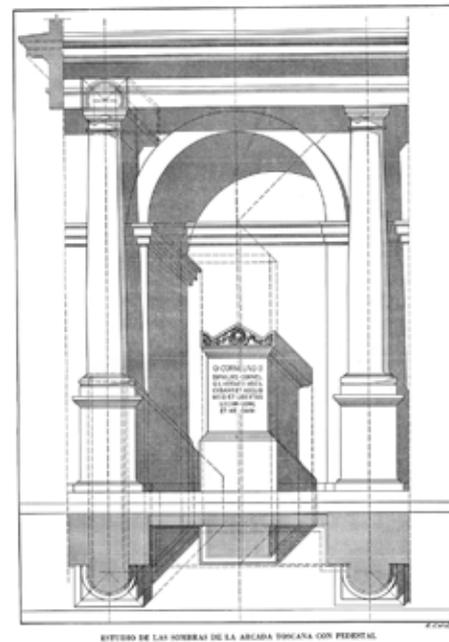


Fig. 03: “Estudio de las sombras de la arcada toscana con pedestal”. Tratado de los Cinco Ordenes de Arquitectura. Fonte: Viñola, 1948, p 23

Ainda que o “Estudo das Cinco Ordens da Arquitetura” deva ser considerado como “best-seller”, vários outros tratados proliferaram nos séculos seguintes também. E o fizeram de uma forma acumulativa. Isto é, os novos tratados se manifestavam como continuações ou comentários dos tratados anteriores, criando uma corrente de pensamento que se pode remeter até o século XV – quando não, até o século I A.C, se consideramos que o *De Architectura* é o tratado seminal originário, ao qual, todos os outros tratados, de forma direta ou indireta, se referem.

O século XVIII, por exemplo, nos presenteou com obras magníficas, como o *Précis des leçons d’architecture* (1802-1805)³, de Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1835), que influenciaram todo o desenvolvimento da arquitetura da primeira metade do século XIX. Esse trabalho “é importante no plano doutrinário, pois expõe a ideia de uma standardização ou de uma esquematização do projeto arquitetônico” (EVERS, 2003, p. 328), que se estende, sem dúvida, pelo menos do ponto de vista conceitual, até o século XX. Estudos críticos sobre o projeto, como os de Corona Martínez, citam profusamente “Durand”, e não o fazem de um ponto de vista historicista, mas como uma referência viva. Corona pergunta “como é o processo da projeção que continuamos praticando, aquele que está implícito em todos os estilos que têm se sucedido por duzentos anos?” (CORONA MARTÍNEZ, 1998, p. 241), e responde citando amplamente Durand:

Temos visto que, quando desejamos expressar graficamente um pensamento em arquitetura, temos que começar por fazer uma planta que representam a disposição horizontal dos objetos que devem entrar na composição de um edifício ou de uma parte de um edifício; depois o corte que expressa sua disposição vertical, finalmente sua elevação ... (DURAND apud CORONA MARTÍNEZ, 1998, p. 241-242)⁴

3. Não existem traduções nem ao castelhano, nem ao português desse texto de Durand, mas isto não tira dele a possibilidade de ter influenciado, e muito, arquitetos dessas línguas, uma vez que o francês foi língua internacional, do século XVIII até o século XX, quando foi substituído pelo inglês. A edição que nós usamos é a de 1823, mas há muitas outras. Corona Martínez, por exemplo, usa a de 1819. (2000:197)

4. Usamos o texto na sua edição em castelhano, pois a edição em português (CORONA MARTÍNEZ, 2000) não traz esse capítulo.

A fundamentação dos tratados, como fonte de conhecimento, se amparou sempre no seu apelo à verdade incontestável que se exprimia na arquitetura antiga. Os tratados eram manifestos vivos da permanência da verdadeira arquitetura, aquela que mais perto estava da natureza, como demonstração de uma origem divina. Neste sentido, o conhecimento neles exposto pretendia revelar ao iniciante os caminhos da “verdadeira arquitetura”. No entanto, na segunda metade do século XIX, a crítica ao classicismo levada adiante por autores tão equânimes como John Ruskin (1819-1900), ou Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), pôs em questão esta forma de difusão do conhecimento da arquitetura.

Esses autores questionaram a verdade intrínseca assegurada pela tradição na arquitetura clássica. O principal questionamento partiu da crítica, uma instância cultural inexistente nos séculos anteriores. A crítica de

arquitetura nasceu como reivindicação de uma nova estética capaz de atender à sensibilidade romântica, como aconteceu com o livro *The Seven Lamps of Architecture*, 1849, de Ruskin, por exemplo, que permitiu uma nova interpretação da natureza, como fonte de inspiração direta para o homem “moderno”, sem a intermediação “cultural” das normas impostas pelos tratados.

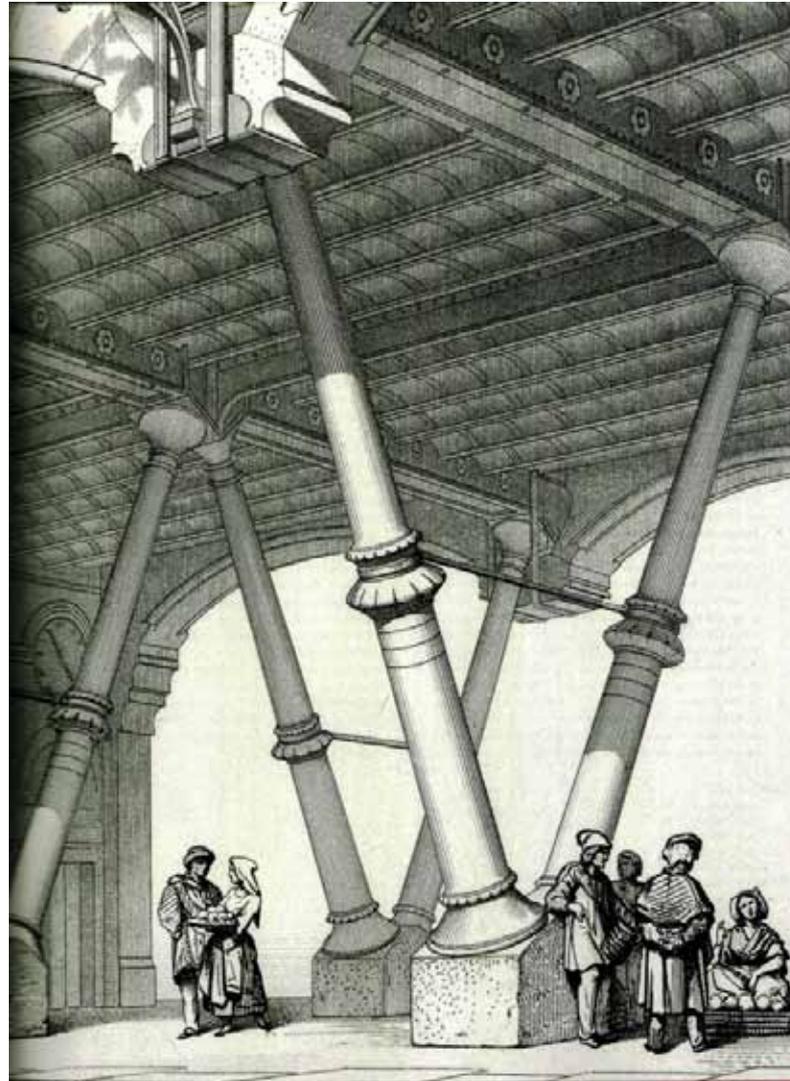


Fig. 04: “Mercado coberto sobre pilares de ferro”, Eugène E. Viollet-le-Duc, Fonte: Evers, 2003, p. 345.

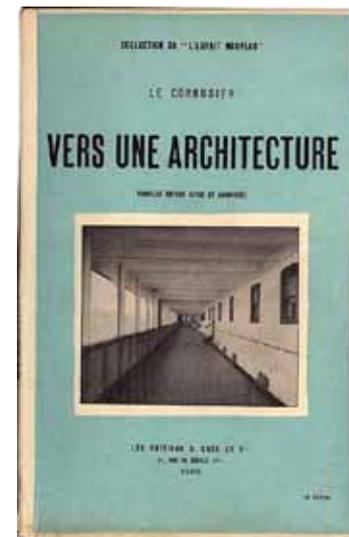
5. Os diferentes volumes do enorme trabalho de Viollet-le-Duc foram publicados entre os anos de 1854 e 1868, ainda que constem diversas publicações de edições posteriores.

6. O termo “substituição” necessita ser esclarecido, uma vez que o século XIX continua produzir tratados, só que estes procuram novas fontes de inspiração e de justificação da arquitetura. Ver, por exemplo, os livros de Gottfried Semper (*Die vier Elemente der Baukunst. Ein Beitrag zur vergleichenden Baukunde*, 1851) ou de Heinrich Hübsch (*In welchem Style sollen wir bauen?*, 1828).

A historiografia fez o mesmo, defendendo a igualdade de interesses sobre a produção arquitetônica do homem, equiparando a produção gótica à clássica. (ver fig. 04), defendendo um classicismo gótico em um sentido amplo, como fica plenamente demonstrado no trabalho do *Dictionnaire raisonné de l'architecture française Du XI au XVI siècle*⁵, de Viollet-le-Duc, por exemplo. A substituição⁶ da tratadística tradicional pela historiografia e pela crítica, no entanto, não eliminou a forma de transmissão do conhecimento arquitetônico através de fontes documentais que combinavam imagem e texto, nos mesmos moldes propostos pelos grandes tratados dos séculos anteriores. Os manuais de arte gótica e de decoração, as incipientes publicações de arte e arquitetura, os catálogos da produção artesanal ou industrial, se apropriaram deste campo da transmissão e da afirmação do conhecimento, o qual foi capaz de impor as formas ecléticas criadas na Inglaterra vitoriana ou na França haussmaniana por toda Europa e além mar.

O século XX recebeu essa herança nos moldes de uma abertura das possibilidades que o ecletismo permitiu e respondeu, multiplicando ainda mais as alternativas. A difusão das novas ideias requeria também novos meios de transmissão do conhecimento. Esse século rebelde, descrente de toda tradição, abandonou definitivamente os tratados como referência e como meio de comunicação e de preservação da arte. Questionou também o livro, o texto extenso e elaborado, preferindo e adotando a forma de “manifesto”, texto curto e polêmico, carregado de novas intenções que se apresentavam cruamente, sem mediação.

Fig. 05: Capa do livro “Vers une Architecture”, de Le Corbusier, publicado em 1923. Fonte: <http://www.ozanne-rare-books.com/vers-une-architecture.html>.



7. Existem várias recompilações de textos que contêm os manifestos mais importantes do século XX, dentre elas recomendamos a já lendária de Ulrich Conrads (1973), de 1964; a impecável antologia de M. de Benedetti e A. Pracchi (1988), de 1988; e a mais recente compilação de P. Hereu, J. M. Montaner e J. Oliveras (1999), de 1994.

8. Este texto foi publicado de forma amadora em Milão em 11 de julho de 1914. Posteriormente foi publicado na revista L'Esprit Nouveau, n. 26 out. 1924, pp. 176-177, editada por Le Corbusier e Ozenfant.

9. Publicado na revista Der Sturm, em 1914.

10. Publicado inicialmente na revista Der Sturm em 1912, ainda que só alcance notória publicidade depois de ser publicado em francês na revista Les Cahiers d'Aujourd'hui em 1913.

11. Texto publicado na revista De Stijl em 1924, escrito em Paris em 1923, por conta da exposição: Les architectes du Groupe De Stijl, realizada naquele ano na galeria L'effort Moderne de Léonce Rosenberg.

12. Revista publicada em Berlim, entre os anos de 1910 e 1932, foi canal privilegiado das posições do Expressionismo alemão e de outros movimentos vanguardistas. Foi dirigida por Herwarth Walden (1878-1941) e por August Stramm (1874-1915).

13. Revista publicada em Paris entre 1912 e 1924, dirigida por George Besson (1882-1971).

14. Revista publicada na Holanda, em Weimar e em Paris, entre 1917 e 1931, foi o canal de difusão do pensamento de seu editor, Theo Van Doesburg, assim como do Neoplasticismo e do Elementarismo.

Fig. 06: Capa do primeiro número da revista De Stijl, outubro 1917. Fonte: http://sdrclib.uiowa.edu/dada/De_Stijl/index.htm.

Temos inúmeros exemplos desse tipo de trabalho. Evidentemente os de Le Corbusier (1887-1965) são os mais representativos, por serem também os mais difundidos, por ele mesmo e pelos historiadores do século XX. Livros como *Vers une architecture* (1923), (fig. 05) impactaram o universo da arquitetura ocidental e criaram uma fileira de seguidores que se espalharam pelo mundo, da Argentina aos Estados Unidos, e do Japão e Índia até o Brasil. Mas, existem outros tantos⁷ que fizeram jus ao nome da “vanguarda”: *L'architettura futurista. Manifesto* (1914)⁸, de Antonio Sant'Elia (1888-1916) e Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944); *Glaserchitektur* (1914)⁹, de Paul Scheerbarth (1863-1915); *Ornament und Verbrechen* (1912)¹⁰, de Adolf Loos (1870-1933); *To teen beeldende architectuur* (1923-1924)¹¹, de Theo Van Doesburg (1883-1931), entre outros.

Em geral, esses textos, além de ter em comum sua veemência, têm também o fato de terem sido publicados em revistas: *Der Sturm*¹², *Les Cahiers d'Aujourd'hui*¹³ ou *De Stijl*¹⁴. Assim, o lugar onde o texto curto, quase sempre inflamado e provocativo, se encontrava a gosto foi o espaço das revistas de arquitetura, que assumiram o papel de porta vozes da nova estética, ou, em outras palavras, das novas estéticas, das muitas estéticas possíveis em anos carregados de novidades e de experimentação. As revistas apresentaram ao “público” as propostas de uma nova forma de conceber e de fazer arquitetura. Esse “público”, alvo das publicações de vanguarda, não se restringe necessariamente aos arquitetos. As publicações são dirigidas por artistas, literatos e intelectuais de vários setores da produção cultural da época, e estão dirigidas às camadas mais amplas possíveis, eram vendidas na rua e nas academias, nos bares e nas estações de trem. Ainda que com tiragem reduzida, as informações veiculadas por elas passavam de mão em mão, criando verdadeiras correntes de dados que se espalhavam pelas cidades mais importantes da Europa continental.



15. Publicação oficial do Deutschen Werkbundes de 1925 a 1933. Para uma visão ampla do publicado nesse prestigioso veículo ver CONRADS, 1969.

16. Foram publicadas os seguintes textos: “Zum neuen Jahrgang” (1927, n. 1); “Einleitung” (1927, n. 9); “Die neue Zeit. Mies van der Rohe auf der Wiener Tagung des Deutschen Werkbundes” (1930, n. 15). E as seguintes obras: “Werkbund-Ausstellung: Die Wohnung” (1927, n. 2; “Die Wohnung” 1927, n. 9); “Die Wohnung, Stuttgart 1927” (1928, n. 4); “Mies van der Rohes Reichpavillon in Barcelona” (1929, n. 16); “Das Haus Tugendhat in Brunn” (1931, n. 9); “Kann man im Haus Tugendhat wohnen?” (1931, n. 10); “Das Haus Tugendhat. Grete und Fritz Tugendhat” (1931, n. 11).

17. Referências a essa importante revista podem ser encontradas em BENSON, 2002.

18. Kassák foi poeta, romancista, ensaísta, pintor, tradutor e editor de revistas de vanguarda, tanto Ma (Hoje), editada primeiro em Budapeste e depois em Viena, como de sua antecessora Teet (Ação), editada em Budapeste de 1912 até 1916.

Fig. 07: Capa do primeiro número da revista Ma (Hoje), novembro 1916. Fonte: <http://www.kettererkunst.de/>.

As revistas assumiram assim, sem dúvida, o papel que os tratados antigos tinham exercido nos tempos anteriores às publicações de massas, transformando-se nos “tratados do século XX”. A influência que esses meios de comunicação exerceram na formação profissional e na crítica da época foi enorme. Revistas como *Die Form*¹⁵, por exemplo, foram um canal privilegiado de apresentação de projetos e de críticas de arquitetura que consolidaram o pensamento e a construção da Arquitetura Moderna. Os primeiros projetos de Mies van der Rohe (1886-1969)¹⁶, assim como alguns de seus primeiros textos foram publicados aqui. Revistas como *Ma Aktivista Folyoirat*¹⁷, (ver fig. 07), editada pelo agitador cultural e artista Lajos Kassák¹⁸ (1887-1967), entre 1916 e 1924, circulavam na Europa Central desde Budapeste até Berlim, e eram parte dos intercâmbios que os diferentes “editores” realizavam constantemente, não só para conseguir material novo, mas também para incrementar a discussão e o diálogo entre as diferentes correntes que se estavam gestando naqueles tempos tempestuosos.



Mas, dentre as revistas, as edições monográficas se apresentam como as herdeiras diretas da tradição tradística. Os números monográficos não são, contudo, comuns nos primeiros anos do século XX. Primeiro existiram os números temáticos, que pretendiam mostrar o estado da arte em aspectos particulares. Por

exemplo, o problema da cozinha¹⁹, tratado por *Die Form*, ou o problema da nova arquitetura²⁰, em *De Stijl*. Esta última e outras revistas similares desenvolveram verdadeiras campanhas propagandísticas a favor da arquitetura moderna especificamente. Pensamos em revistas como *L'Esprit Nouveau* (1920-1925), editada por Le Corbusier (1887-1965) e Amédée Ozenfant (1886-1966), que publicara um número quase monográfico²¹ sobre a Bauhaus (1919-1933) e a arquitetura moderna na Alemanha, com textos do próprio Walter Gropius (1883-1969). Ou a experimental e vanguardista “G” (*Material zur elementaren Gestaltung*²² (1923-1926), (ver fig. 08), editada por Hans Richter (1843-1916), Werner Gräff (1901-1978) e Mies van der Rohe, onde este último apresentou seus projetos utópicos.

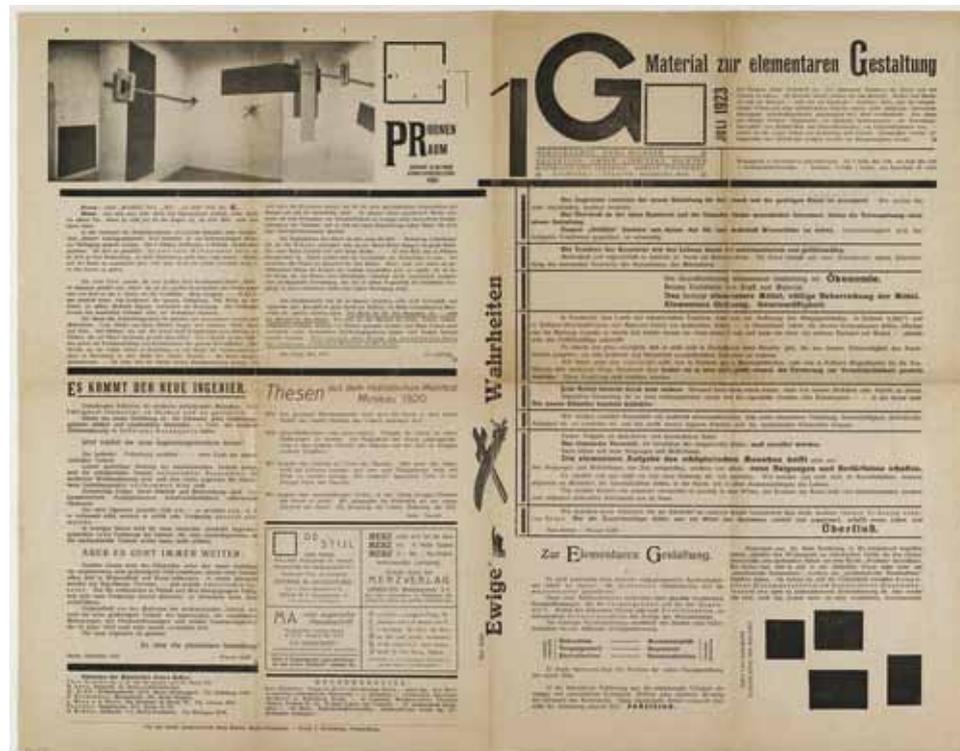
19. Ver Meyer, Edna: “Die Küchenproblem auf der Werkbund-Ausstellung”, in *Die Form*, 1927, n. 10, p. 299-307.

20. Para ver os números de *De Stijl* visitar http://sdr.lib.uiowa.edu/dada/De_Stijl/index.htm.

21. Trata-se do n. 27, Nov. 1924. Com artigos de Paul Boulard (pseudônimo de Ch. E. Jeanneret) sobre a arte na Alemanha (p. 234-245); Walter Gropius, “*Développement de l'esprit architectural moderne em Allemagne*” (p. 246-251); Editorial, “*L'Esprit Nouveau apporte son appui au 'Bauhaus' de Weimar*” (p. 252-253).

22. A revista que inicialmente usava o subtítulo de “Material” quando era só uma folha A2 dobrada para formato A4, a partir do n. 3, jun. 1924 mudou para um formato convencional de revista (25.1 x 17.5 cm) e passou a usar o subtítulo de “*Zeitschrift für elementare Gestaltung*”.

Fig. 08: Capa (folha única) do primeiro número da revista “G, Material zur elementaren Gestaltung”, julho de 1923. Fonte: <http://www.moma.org/collection>.



Os anos 1920 foram palco de variadas publicações de pequeno formato que multiplicavam os pontos de vista e as informações sobre os diferentes movimentos, submovimentos e supra-movimentos, que estavam acontecendo naquele período na Europa, especialmente na Europa Central. Publicações como *ABC Beiträge zum Bauen* (1924-1928), editada em Berlim e dirigida por Emil Roth (1893-1980) e na qual publicaram artigos e obras de artistas como Hans Schmidt (1893-1972), Mart Stam (1899-1986), El Lissitzky (1890-1941) e Hannes Meyer (1889-1954); *Das Neue Frankfurt* (1926-1931), dirigida por Ernst May (1886-1970), posiciona as experiências urbanísticas e arquitetônicas realizadas na cidade de Frankfurt no centro da manualística moderna alemã sobre ambos os temas. Na *Frühlicht* (1920-1922), dirigida por Bruno Taut (1880-1938), órgão de difusão não só do Expressionismo e da *Gläserne Kette* (Corrente do Cristal), mas também do construtivismo, foram, por exemplo, publicadas obras de Vladimir Tatlin (1885-1953). Na *Punct* (1924-1925), publicada em Bucareste, dirigida pelo escritor Scarlat Callimachi (1896-1975) e editada pelo pintor Victor Brauner (1903-1966), foi um jornal de promoção do construtivismo e de outras correntes vanguardistas, como Dada, difundidas por Tristan Tzara (1896-1963). Mas também publicaram artigos Theo Van Doesburg, Kurt Schwitters (1887-1948) e Herwart Walden. *Contimporanul* (1922-1932) foi outra revista da Romênia, dirigida pelo poeta Ion Vinea (1895-1964). Preocupada inicialmente com arquitetura, terminou se transformando num veículo da arte de vanguarda, especialmente do Surrealismo.

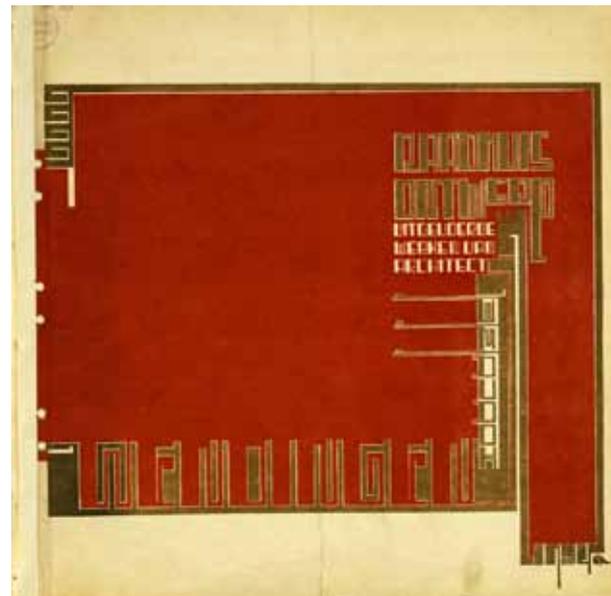


Fig. 09: Capa da revista Wendingen, n. 8, 1924, dedicado a Willem Marinus Dudok. Fonte: <http://www.zuidelijkewandelweg.nl/architectuur/wendingen.htm>.

23. *L'Architecture vivante en Hollande. Le Groupe "De Stijl" et l'école d'Amsterdam*, 1927. Inclui 50 lâminas ilustrativas como obras de Mies van der Rohe, Theo Van Doesburg, Gerrit Rietveld e textos de Piet Mondrian, Theo van Doesburg, Adolf Loos e Jean Badovici. *L'Architecture vivante en Hollande*, 1933. Inclui 25 lâminas e texto de J.J.P. Oud.

24. Por exemplo: *L'Architecture Vivante: Le Corbusier et P. Jeanneret*, 1929, 48 páginas, inclui planos (1 em cores), elevações, mais 50 lâminas das quais duas são coloridas; *L'Architecture Vivante: Le Corbusier et P. Jeanneret*, 1930. 49 páginas incluem 25 lâminas das quais uma é colorida; *L'Architecture Vivante: Le Corbusier et P. Jeanneret*, 1932. 31 páginas incluem 25 lâminas com plantas e elevações de projetos completos

25. *L'Architecture vivante: Frank Lloyd Wright*, 1930. 25 lâminas em branco e preto.

26. A revista foi o órgão da associação *Architectura et Amicitia* e seu Editor chefe foi o arquiteto H. Th. Wijdeveld (1885-1987).

Seguiram a essas revistas temática os números especiais que tratavam de obras específicas ou de arquitetos consagrados. Destacam-se a já mencionada *Die Form*, com suas edições de 1927 (n. 2 e n. 9, op. cit.) para apresentar a *Waissenhofsiedlung* (1927); as edições temáticas realizadas pela revista francesa *L'Architecture Vivante* (1923-1932), dirigida pelo arquiteto Jean Badovici (1893-1956), entre as quais se destacam a dedicada à *Waissenhofsiedlung* (Primavera/Verão, 1928), e os números especiais sobre o estado da arquitetura na Alemanha (1931) ou da Holanda (1927 e 1933)²³; além dos números dedicados à obra de Le Corbusier⁴ e Frank Lloyd Wright (1930)²⁵. A famosa revista holandesa *Wendingen* (1918-1932)²⁶ publicou vários números especiais sobre arquitetos, entre os que se destacam, nos números de: 1921 (n. 4), Hendrik Petrus Berlage (1856-1934) e Frank Lloyd Wright; 1924 (n. 7), Michel de Klerk (1884-1923); de 1924 (n.8) sobre Willem Marinus Dudok (1884-1974). (ver Fig. 09); e de 1925 (nos. 3 e 9) Frank Lloyd Wright.

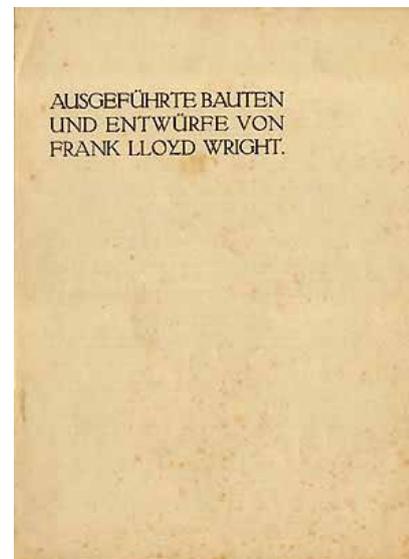


Fig. 10: Wasmuth Portfolio, 1910, dedicado a Frank Lloyd Wright. Fonte: <http://www.steinerag.com/flw/Books/a0087.htm>.

Justamente sobre Wright destaca-se sem dúvida, como um antecedente importante, o número monográfico que sob o nome de *Ausgeführte Bauten und Entwürfe von Frank Lloyd Wright* (Edifícios concluídos e projetos de Frank Lloyd Wright), foi publicado pelo editor alemão Ernst Wasmuth em 1910-11, e que ficou conhecido como *Wasmuth Portfolio*, através do qual os arquitetos europeus conheceram e estudaram a obra do mestre norte-americano. A difusão da obra de Wright, e de seu prestígio, não teriam sido possíveis sem esse nú-

mero monográfico, que apresentou a gramática moderna para ávidos artistas órfãos de modelos a utilizar, ou a reinventar. O alemão apresentou a obra do grande mestre em dois cadernos, contendo 100 litografias, onde o próprio arquiteto se apresentava, com desenhos próprios e de seus colaboradores, obras construídas ou projetadas entre 1893 e 1909, incluindo, entre outras, Winslow House (River Forest, 1893) (ver fig. 11), Susan Lawrence Dana House (Springfield, 1902-1904), Edwin H. Cheney House (Oak Park, 1903), Larkin Administration Building (Buffalo, 1904), Thomas P. Hardy House (Racine, 1905), Unity Temple (Oak Park, 1905), William R. Heath House (Buffalo, 1904-1905), Darwin D. Martin House Complex (Buffalo, 1903-1905), Avery Coonley House (Des Plaines River, Riverside, 1907-1908), Park Inn Hotel e o National Bank (Mason City, 1908), Frederick C. Robie House (Chicago, 1908), Burton J. Westcott House (Springfield, 1908), Orchard Summer Colony (Darby, 1909).



Fig. 11: Wasmuth Portfolio, 1910, Lâmina I, Winslow House. Fonte: <http://content.lib.utah.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/FLWright-jp2&CISOPTR=133>.

Os desenhos apresentados incluem plantas e fundamentalmente perspectivas, muitas delas aéreas (vôo de pássaro), como a Lâmina VII: Lexington Terraces, Chicago.

Só tem um par de cortes, nas lâminas XII, v. 1 (Studie zu einem Bankgebäude in beton - Perspektive und Grundriss); e LXIII, v. 2 (Aufriss und querschnitt vom Unity Tempel, Oak Park, Ill.).

Tem outro par de perspectivas de interiores nas lâminas XXXIII, v. 1 (Verwaltungsgebäude für The Larkin Company Grundriss und Perspektive) e LVI, v. 2 (Wohnzimmer für Herrn Coonley, Riverside, Illinois).

E, finalmente, alguns detalhes decorativos ou construtivos, como nas lâminas I, v. 1 (Villa für Herrn Winslow In River Forest, Illinois, Eingangsdetail); IV, v. 1 (Perspective und Grundriss der Stadtischen villa für Isidor Heller, Chicago. detail vom Husser-haus, Chicago); V, v. 1 (Francis Mietshaus, Chicago); VI, v. 1. (Atelier des Herrn Frank Lloyd Wright, Oak Park, Illinois); XXII, v. 1 (Wohnzimmer im Vorstadthause des Herrn B. Harley Bradley, Kankakee. Ills.); XXXI, v. 1 (Inneres des Festsaales für Frau Dana); LVII, v. 2 (Landhaus für Avery Coonley, Riverside, Ill); LXII, v. 2 (Atelier in Beton für Herrn Bildhauer Richard Bock, Oak Park, Illinois).

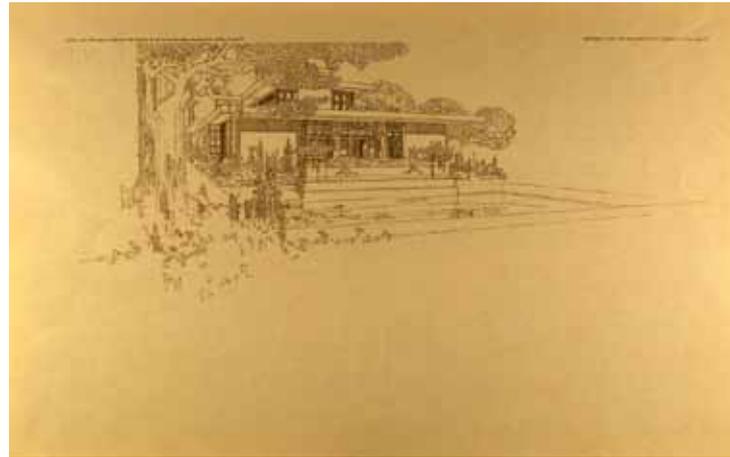


Fig. 12: Wasmuth Portfolio, 1910, Lâmina LXII, Atelier in Beton für Herrn Bildhauer Richard Bock, Oak Park, Illinois. Fonte: <http://content.lib.utah.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/FLWright-jp2&CISOPTR=133>

Os desenhos não têm texto explicativo, salvo os das legendas indicativas das plantas (quase sempre a planta do andar principal e a dos dormitórios). As perspectivas não apresentavam qualquer tipo de indicação ou comentário. As plantas não possuem cotas ou qualquer outro tipo de indicação de medidas ou dimensões, não apresentam tampouco escala gráfica.

Pareceria ser que, salvo pelo texto inicial escrito pelo próprio Wright, onde ele explica sua visão da arquitetura, a proposta do mestre resumia-se a que a arquitetura deveria poder explicar-se por si, sem intermediação de textos ou referências de outra índole. O poder do desenho deveria ser suficiente para mostrar, e demonstrar, a arquitetura. Esses desenhos lembram os do tratado *Architettura e Prospectiva* (1740), (ver fig. 13), de Giuseppe Galli Bibiena (1695-1757)²⁷, que foi o primeiro tratado no qual se apresentavam, como única explicação da arquitetura, só desenhos – sem textos de apoio, como tinha sido costume nos trezentos anos anteriores. Os desenhos do tratado de Bibiena são também majoritariamente perspectivas, as plantas

27. Se podem ver desenhos dos Bibiena em *Les Dessins d'Architecture au XVIII Siècle*, de Daniel Rabreau.

encontram-se ao serviço das perspectivas. Ainda que no tratado barroco as perspectivas sejam mais interiores que exteriores. A insistência de Wright na utilização da perspectiva “a vôo de pássaro” pareceria também querer informar sobre a totalidade do desenho e, conseqüentemente, do projeto, tentando abarcá-lo numa só visão. A preocupação é evidentemente a de impressionar o observador e de cativá-lo com uma “nova forma” de pensar arquitetura.

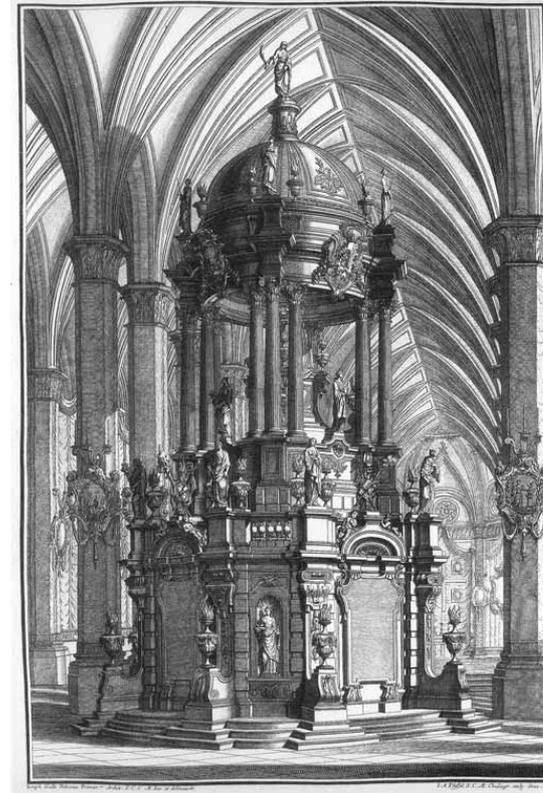


Fig. 13: “Castrum Doloris”, 1715. Architettura e Prospectiva, Giuseppe Galli Bibiena. Fonte: Evers, 2003, p. 159.

A proposta certamente foi eficiente, haja vista a quantidade de arquitetos que enveredaram pela trilha wrightiana. Só como exemplo, poderíamos citar Casa Heide (1915-1919), de Robert Van't Hoff (1887-1979), ou a obra de W. M. Dudok, especialmente sua obra mais importante, o Raadhuis (Paço Municipal), de Hilversum (1928-1931), que é uma expressiva releitura de todos os preceitos wrightianos apontados nos desenhos do *Wasmuth Portfolio*.

Outro exemplo importante, para entender como funciona esse novo mecanismo de apresentação e difusão de obras, poderia ser o famoso número monográfico de *L'Architecture d'Aujourd'hui* de setembro de 1958²⁸ (ver fig. 14), dedicado à obra de Ludwig Mies van der Rohe (L'oeuvre de Mies van der Rohe). O número apresenta 43 projetos do arquiteto, incluindo os projetos do período europeu que ocupam um quinto das 100 páginas dedicadas ao trabalho do mestre alemão. Alexandre Persitz apresenta uma cronologia completa de "L'oeuvre de Mies van der Rohe" (p. 2-5), em que ficam evidentes alguns anos claves para entender sua obra. Assim, 1927, ano da exposição Weissenhofsiedlung, requer maior atenção, seguido pelos anos de 1929-1930, por conta do Pavilhão Alemão para Barcelona e da Casa Tugendhat. O período norte-americano de 1940 a 1942 leva a maiores explicações, por conta do trabalho desenvolvido no Illinois Institute of Technology, mas os anos finais, 1953 a 1958, são os que acumulam maior quantidade de obras.



Fig. 14: L'oeuvre de Mies van der Rohe, in: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, ano 29, n. 79, setembro 1958.

Curiosamente, as primeiras duas imagens (p. 6) são de obras de outros arquitetos, e devem ser entendidas como referências aos mestros que influenciaram a visão da arquitetura de Mies. São obras de Peter Behrens (1868-1940), a fábrica de turbinas da AEG (1910), arquiteto, para quem o jovem Ludwig trabalhou nos anos 10, e de H. P. Berlage, sua Bolsa de Amsterdã (1896-1903), obra que impactou Mies durante sua visita à capital holandesa, também em 1912.

28. Trata-se do n. 79, ano 29 da famosa revista francesa.

Além dos projetos de arquitetura, a revista apresenta os móveis (p. 11) criados pelo arquiteto no final da década de 1920, e que, para os anos 1950, já eram fabricados pela empresa Knoll dos Estados Unidos. A partir da página 26, a revista se debruça sobre a obra norte-americana, apresentando tanto projetos não realizados, como o de um "Museu para uma pequena cidade" (p. 26), ou o projeto para uma "Sala de Concertos" (1942) (p. 27). Destaca evidentemente o trabalho realizado no Illinois Institute of Technology, projeto que Mies estava realizando desde sua chegada a Chicago em 1939, e cujo Master Plan (p. 28) apresentou em 1940. As primeiras fotos coloridas da matéria são destinadas ao Crown Hall (o edifício para a Faculdade de Arquitetura, 1955). Ainda que comparativamente tenhamos mais fotos que desenhos, é importante chamar a atenção sobre a preocupação com os desenhos técnicos, cortes e detalhamentos construtivos acompanham imagens de detalhes de arquitetura (como o famoso close da coluna de canto do Alumni Memorial Hall (1945-1946) (p. 31, f. 3). Mas, as imagens que ficam em destaque são as dos "Immeubles d'habitation a Chicago" (pp. 50 e 51) situadas nas páginas centrais do número especial, as passarelas do Lake Shore Drive (1951) e a fachada dos Commonwealth Promenade Apartments (1957). O projeto urbano mais ambicioso encarado por Mies até aqueles anos também está presente. Trata-se de Lafayette Park (1956), em Detroit (p. 72-75), obra que desenvolvera junto com Ludwig Hilberseimer (1885-1967). O projeto final é, evidentemente, o magnífico Seagram Building (1958) (ver fig. 15).



Fig. 15: L'Architecture d'Aujourd'hui, n. 79, set. 1958, p. 91.

O número termina com uma recompilação de textos de Mies, certamente traduzidos do livro que Philip Johnson (1906-2005) tinha preparado para servir de catálogo à exposição sobre a obra de Mies van der Rohe, que o MoMA havia apresentado em 1947. Fato que introduz um aspecto interessante da difusão do pensamento do Mies, esta foi feita seguindo a interpretação que Johnson achou na época pertinente, e não necessariamente do verdadeiro pensamento do alemão. Complementando o material de divulgação com suas explicações técnicas e de dados informativos gerais, o texto inclui alguns trabalhos críticos que discutem em termos estéticos ou culturais a obra do alemão. Peter Blake apresenta o texto “L’art difficile d’être simple” (p. 24); Reginald Malcolmson comenta “L’architecture de l’acier” (p. 40), e Christian Norberg-Schulz introduz uma entrevista com o mestre “que fala pouco” (p. 40).

A revista, que percorreu o mundo levando as imagens de uma arquitetura poderosa e magnífica, utilizando aço e vidro, daria lugar ao mais amplo movimento estilístico produzido desde o classicismo: o International Style. Movimento que se imporia no mundo ocidental de forma contundente durante os anos de pós-guerra, como uma afirmação da criatividade capitalista e do empreendedorismo norte-americano, graças ao trabalho de conscientização e informação desenvolvido justamente pelas revistas e, especialmente pelos números monográficos.

Escritórios de arquitetura, como C.F. Murphy Associates, Skidmore Owings and Merrill, Harrison, Abramovitz & Harris, Bregman + Hamann Architects, Pellow + Associates Architects Inc., têm desenvolvido o trabalho apontado nos anos 1940 e 1950 por Mies, e muitos arquitetos ao redor do mundo têm utilizado as informações contidas nessa revista, e em outras similares, como fonte de inspiração, ou como objeto de desejo do que podia ser projetado e construído em meados dos século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Leon Battista. De Re aedificatoria. Madri, Akal, 2007.

PERSITZ, Alexandre et alt. L’oeuvre de Mies van der Rohe. In: ARCHITECTURE D’AUJURD’HUI, 1958, ano 29, n. 79, pg. 1-103 (número monográfico)

BENSON, Timothy (Ed.). Central European Avant-gardes: Exchange and Transformation 1910-1930. Cambridge, Ma.: The MIT Press, 2002.

CARVALHO, Lilian Escorel de. A revista francesa L’Esprit Nouveau na formação das idéias estéticas e poéti-

cas de Mário de Andrade. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Literatura Brasileira, USP, 2008.

CONRADS, Ulrich. Programas y manifiestos de la arquitectura del siglo XX. Barcelona: Lumen, 1973.
_____ (Org.). "Die Form". Stimme des Deutschen Werkbundes, 1925-1934. Essen: Bertelsmann Fachverlag, 1969.

CORONA MARTÍNEZ, Alfonso. Ensayo sobre el Proyecto. Buenos Aires: Kliczkowski Publisher, Aspran e CP67, 1998. [1990]

_____ Ensaio sobre o Projeto. Brasília: Imprensa Oficial, Editora UnB, 2000.

DE BENEDETTI, Mara e PRACCHI, Attilio. Antologia dell'architettura moderna. Testi, manifesti, utopie. Bologna: Znicelli, 1988.

DURAND, Jean-Louis-Nicolas. Précis des leçons d'architecture données à l'École Royale Polytechnique. Paris: École Polytechnique, 1823. [1802]

EVERS, Bernd (Org.). Teoria da arquitetura. Do Renascimento até aos nossos dias 117 tratados apresentados em 89 estudos. Colônia: Taschen, 2003.

GRASSI, Giorgio (Org.). Das neue Frankfurt 1926-1931. Bari: Dedalo libri, 1975.

HEREU, Pere, MONTANER, Josep Maria e OLIVERAS, Jordi. Textos de Arquitectura de la Modernidad. Hondarribia: Nerea, 1999. [1994]

JOHNSON, Philip. Mies van der Rohe. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1947.

LE CORBUSIER. Por uma arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981. [1923]

RABREAU, Daniel. Lês Dessins d'Architecture au XVIIIe Siècle. Paris: Bibliothèque de l'Image, 2001.

RUSKIN, John. Las siete lámparas de la arquitectura. Buenos Aires: El Ateneo, 1944. [1849]

SCHMIDT, Hans, STAM, Mart, EL LISSITZKY e ROTH, Emil. ABC - Beiträge zum Bauen. Contributions on Building. 1926 – 1928. Basel: Lars Müller, 1993.

VIÑOLA, [Giacomo Barozzi da]. Tratado de los Cinco Ordenes de Arquitectura. Buenos Aires: Editorial Construcciones Sudamericanas, 1948. [1562]

SÍTIOS NA INTERNET

ALBERTI, Leon Battista. De Re aedificatoria libri decem. Original em latim (1485) e tradução inglesa (1775), ver: The Archimedest Project. Digital Research Library, em: <http://www.archimedes.mpiwg-berlin.mpg.de>.

DE STIJL. Para acesso aos números da revista De Stijl, números 1 ao 11, ver http://sdr.lib.uiowa.edu/dada/De_Stijl/index.htm.

VITRUVIO (Marcus Vitruvius Pollio). De Architectura decem libri. Original em latim e tradução inglesa, ver: <http://www.penelope.uchicago.edu/Thayer>.

TRATADOS RENASCIMENTO E BARROCO. Para os Tratados de Vitruvio, Alberti, Serlio, Vignola e Pozzo, ver: <http://www.unav.es/teohistarq/histarq/HAc/TRAT.htm>.

WASMUTH PORTFOLIO. Ausgeführte Bauten und Entwürfe von Frank Lloyd Wright. Para um acesso às imagens das lâminas do portfólio ver: <http://content.lib.utah.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/FLWright-jp2&CISOPTR=133>

WENDINGEN. Para esta revista holandesa, ver: <http://www.zuideljkewandelweg.nl/architectuur/wendingen.htm>.